

Português em contato. Edited by Ana M. Carvalho. Madrid & Frankfurt: Ibero-americana/ Vervuert, 2009.

A coletânea organizada por Ana Maria Carvalho é uma contribuição até agora única aos estudos linguísticos relativos ao português. Como aponta a organizadora, esta é a primeira obra a se dedicar ao estudo do português em situações de contato. O livro traz à luz artigos a respeito da língua portuguesa nos quatro cantos do mundo—literalmente. A coletânea é dividida por regiões geográficas, com estudos que abordam o contato do português com outras línguas na África, América, Ásia e Europa.

Apesar de os artigos terem em comum a abordagem de fenômenos sociais nas diferentes regiões, essa abordagem é levada a cabo em subáreas diferentes, espelhando o caráter interdisciplinar dos estudos que abordam o contato linguístico. Na seção sobre o português em contato na África, por exemplo, encontramos uma análise da representação da língua dos negros em obras literárias dos séculos XV e XVI (Lipski); um estudo sobre os papéis sociais de Changana e do português em Moçambique (Gonçalves e Chimbutane); um exame a respeito da influência mútua entre o crioulo e o português na Guiné-Bissau (Couto); uma investigação relativa às chamadas formas divergentes em crioulo cabo-verdiano (Quint); e uma análise dos fatores sociolinguísticos e históricos relevantes para o desenvolvimento do português vernáculo de Angola e, particularmente, do sintagma nominal dessa variante (Inverno).

A respeito do contato da língua portuguesa no continente americano, a coletânea apresenta um estudo de Ferreira sobre uma possível origem comum entre o português popular brasileiro e o crioulo cabo-verdiano. A seguir, encontramos um trabalho de Scherre e Naro, que argumentam que muitos dos traços presentes no português popular brasileiro têm origem na fala não-padrão do português europeu. O estudo de Emmerich e Paiva fornece um panorama sobre a formação do português do Xingu, enquanto o texto de Gomes aborda a aquisição e o uso de preposições na variante do português utilizada pelos indígenas do grupo Kamaiurá, também na região do Xingu. O artigo de Alkmim discute a linguagem de negros e escravos no Brasil no século XIX, retomando as possíveis raízes africanas da variante brasileira do português.

Ainda na seção sobre o contato linguístico na América, que é a que conta com maior número de artigos, encontramos uma comparação do bilinguismo em duas cidades de Santa Catarina, em que Vandresen discute os fatores e as políticas linguísticas que levaram à manutenção (ou não) do bilinguismo português-alemão nessas localidades. As políticas linguísticas brasileiras também são abordadas no artigo de Quadros, que discorre sobre o impacto dessas políticas na educação de surdos. Finalmente, o português do norte do Uruguai é o tema de dois estudos: o estudo de Coll mantém que havia um bilinguismo sem diglossia naquela região no século XIX, enquanto o trabalho de Meirelles descreve características fonéticas do português de duas localidades fronteiriças, uma no Brasil e outra no Uruguai, e conclui que os sistemas fonético-fonológicos de ambas variantes permanecem atrelados ao português brasileiro padrão (e não se tornaram híbridos), apesar do contato com o espanhol.

A seção sobre o português na Ásia conta apenas com um trabalho, no qual Baxter discorre a respeito do português em Macau. O autor fornece um resumo da história sociolinguística de Macau, mostrando características da variante ali utilizada, bem como do pidgin de base portuguesa que se desenvolveu.

Os três artigos compreendidos na seção sobre o continente europeu versam sobre a situação sociolinguística do galego (que a organizadora chama de “português galego” [7]). O trabalho de Domínguez analisa a situação sociolinguística do galego e do espanhol, além de apresentar fatores que, propõe a autora, deveriam ser levados em consideração para o planejamento de políticas linguísticas. O texto de Herrero Valeiro analisa a padronização ortográfica “como índice ideológico e identitário” (339), a partir de escritos públicos como cartazes e pichações. Ainda tratando de ortografia em galego, o último trabalho apresentado, de Gil Hernández, analisa os princípios que fundamentam as *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego*.

Sem nenhuma sombra de dúvida, esta coletânea é de importância singular para os estudos linguísticos portugueses. O amplo escopo da obra, tanto em relação a regiões geográficas quanto em relação a áreas de estudo, fornece uma visão panorâmica de situações em que o português se encontra em contato com outras línguas. Naturalmente, mesmo com um leque de trabalhos tão abrangente, a coletânea não aborda todas as situações em que a língua portuguesa se

encontra em contato com outras—para tanto, seriam necessários vários volumes. Não podemos, porém, nos ater ao que uma coletânea *não* traz, e sim ao que de fato acrescenta em termos de contribuição para o conhecimento. Na opinião desta resenhista, os artigos presentes em *Português em contato* fazem deste livro uma obra fundamental para qualquer estudioso da linguística portuguesa. Os trabalhos ali encontrados podem servir de trampolim para pesquisas mais aprofundadas sobre quaisquer dos temas abordados. Sem a coletânea, no entanto, correríamos o risco de nem sequer tomar conhecimento de vários daqueles tópicos.

Gláucia V. Silva

University of Massachusetts Dartmouth